

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
MODALIDADE A DISTÂNCIA

JOSE LEANDRO MACIEL DA SILVA

**TEM HOMEM NA ESCOLA: PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

COREMAS - PB

JUNHO DE 2018

JOSE LEANDRO MACIEL DA SILVA

**TEM HOMEM NA ESCOLA: PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Me. Ana Paula Serafim Marques da Silva

COREMAS - PB

JUNHO DE 2018

S586t Silva, Jose Leandro Maciel da.

TEM HOMEM NA ESCOLA: PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL /  
Jose Leandro Maciel da Silva. - João Pessoa, 2018.  
41 f. : il.

Orientação: Ana Paula Serafim Marques da Silva Marques.  
Monografia (Graduação) - UFPB/João Pessoa.

1. homens na educação infantil. I. Marques, Ana Paula  
Serafim Marques da Silva. II. Título.

UFPB/BC

JOSE LEANDRO MACIEL DA SILVA

**BANCA EXAMINADORA**

**TEM HOMEM NA ESCOLA: PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Data da aprovação: 12/06/2018

---

Profa. Ms. Ana Paula Serafim Marques da Silva  
Orientadora

---

Profa. Dra. Maria Claurênia Abreu de A. Silveira  
(Examinadora)

---

Professor Ms. Valnikson Viana de Oliveira  
(Examinador)

COREMAS – PB  
JUNHO DE 2018

Dedico esta monografia a Deus, meu grande Mestre, aos meus pais Cícero Francisco de Sousa e Zenilda Maciel da Silva que me deram muito apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, a minha irmã Zayane Maciel que sempre esteve ao meu lado e nunca mediu esforços para me ajudar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Agradeço também a minha família, a minha amiga Mikaela Lacerda que sempre tem me ajudado sem medir esforços, como também a minha orientadora Ana Paula Serafim Marques da Silva pela paciência, compreensão e atenção nessa jornada.

A minha irmã Zayane Maciel que, de forma especial e carinhosa, me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa aos meus pais, Zenilda Maciel da Silva e Cícero Francisco da Silva, a quem eu agradeço todas as noites a minha existência.

E, com carinho, compartilho este momento especial com a minha avó, Zilda, que de uma forma muito afetiva, colaborou nesta minha conquista.

Também agradeço de modo muito especial, agradeço a minha tutora presencial Francinalda Pires, que além de me ajudar no horário de trabalho; a mesma também me orientava em sua residência, e isso tem contribuído muito com essa minha realização.

## RESUMO

Realizamos esta pesquisa com o objetivo principal de verificar a presença e como se dá a recepção de docentes masculinos na Educação Infantil, em escolas públicas do município de Coremas-PB. Para isso, foram coletados, por meio de entrevistas realizadas com estudantes, pais, gestores e professores, informações sobre o quantitativo de professores no quadro da educação municipal. No percurso deste trabalho, realizamos um levantamento histórico da educação infantil e da atuação masculina nesse âmbito, como também as leis que regem o Ensino Infantil. Procuramos compreender como gênero e o trabalho docente configura-se em suas trajetórias profissionais. Metodologicamente, empregamos a pesquisa quanti-qualitativa realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo. Desse modo, esse trabalho também apresenta uma função social, pois há poucas pesquisas que procuram mostrar o trabalho de docentes do sexo masculino nesse espaço. Foram utilizadas principalmente as considerações de Louro (1997, 2010, 2001), Forquin (1993), Fonseca (2002) entre outros. Constatamos ao longo da pesquisa que a docência nas séries iniciais do ensino fundamental é ocupada em sua grande maioria por mulheres, processo reconhecido por alguns estudiosos como feminização do magistério. Os resultados evidenciam como as relações de gênero e raça que permeiam a nossa sociedade transpõem os portões escolares e refletem no dia-a-dia dos educadores nas escolas, sendo, portanto, necessário que haja uma discursão acerca da presença masculina na educação infantil com vistas a quebrar esses tabus que ainda povoa na nossa sociedade, para que os professores e professoras que vivenciam a realidade da Educação Infantil atual possam superar e perceber que os preconceitos sofridos podem ser trazidos para discussão e problematização posterior. Portanto, é importante que essa realidade seja discutida na formação do professor, como também na sua carreira, e que ela possa se quebrar barreiras, estigmas e preconceitos, e mostre que tanto a presença masculina quanto a feminina são importantes no desenvolvimento da criança e esse convívio deve estar presente na vida escolar.

**Palavras-chave:** Docentes masculinos; Educação Infantil; Desmasculinização do magistério.

## ABSTRACT

We conducted this research with the main objective of verifying the presence and how the reception of male teachers in Early Childhood Education is given in public schools in the city of Coremas-PB. For this purpose, information on the quantitative of teachers within the framework of municipal education was collected through interviews with students, parents, managers and teachers. In the course of this work, we carry out a historical survey of the children's education and the male performance in this scope, as well as the laws that govern the Early Childhood Education. We try to understand how gender and the teaching work configures itself in its professional trajectories. Methodologically, we used the quantitative-qualitative research carried out through a bibliographical and field research. Thus, this work also has a social function, since there is little research that tries to show the work of male teachers in this space. We used mainly Louro (1997, 2010, 2001), Forquin (1993), Fonseca (2002) and others. We find throughout the research that teaching in the initial grades of elementary school is mostly occupied by women, a process recognized by some scholars as feminization of teaching. The results show how the gender and race relations that permeate our society transpose the school gates and reflect in the daily life of the educators in the schools, and it is therefore necessary to have a discourse about the male presence in early childhood education with views to break these taboos that still people in our society, so that the teachers who experience the reality of the current Infant Education can overcome and realize that the prejudices suffered can be brought to discussion and later problematization. Therefore, it is important that this reality be discussed in the teacher's training, as well as in his career, and that it can break down barriers, stigmas and prejudices, and show that both male and female presence are important in the development of the child and this should be present in school life.

**Keywords:** Male teachers; Child education; Unmasking the teaching profession.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
METODOLOGIA .....	13
1. O DOCENTE MASCULINO: DO PROTAGONISMO AO APAGAMENTO .....	15
1.1. O docente masculino: Histórico.....	15
2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O DOCENTE HOMEM .....	20
2.1. História da Educação Infantil .....	20
2.2. A educação infantil no contexto da BNCC.....	23
2.3. O panorama atual da atuação docente masculina na educação infantil .....	24
3. O DOCENTE DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR DA REDE MUNICIPAL PÚBLICA DE ENSINO DE COREMAS.....	29
3.1. Levantamento da situação de docentes masculinos em escolas municipais de Coremas/ PB .....	29
3.2. Entrevista realizada em uma escola pública: gestora, professora e pais.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES.....	40

## INTRODUÇÃO

No decorrer do século XX, a docência foi largamente ganhando uma face feminina. Nos dias de hoje, de modo especial, na Educação Básica (composta por Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), é vasta a presença de mulheres no magistério. No Brasil, a percepção de docência, como uma profissão essencialmente feminina, está diretamente relacionada ao trabalho na Educação Infantil, considerado como natural, um dom, uma vocação, em um processo denominado como feminização do magistério, concepção desenvolvida por Guacira Louro (1997; 2010), Jane Soares de Almeida (1998), Alessandra Arce (2001), que empregam o termo “desmasculinização” do magistério para problematizar tal processo.

Os estudos de Arce (2011) apontam que trabalhos acerca da feminização do magistério investigam a presença quase que total de mulheres ocupando cargos de professoras na Educação Infantil, desde que essa etapa adquiriu caráter educacional. O trabalho docente na Educação Infantil, desde o seu início, esteve ligado ao sexo feminino. De acordo com Mara Isis de Souza (2010), embora essa primeira etapa da educação básica tenha diversas origens, nas várias sugestões o educar se relacionava ao cuidar no sentido da maternidade e ao meio doméstico, tarefas consideradas femininas. A função de professor de Educação Infantil, além de ter sido desempenhada predominantemente por mulheres, constituída como um ambiente feminino, não passou por um período de segregação sexual, que abrisse o atendimento a meninos e meninas em locais ou turmas diferentes (SAPAROLLI, 1998).

Desse modo, conforme Louro (1997), no Brasil, é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes. Essas mudanças sociais foram, de acordo com Louro (2010), os processos de urbanização e industrialização, que ampliaram as oportunidades de trabalho para os homens.

No trabalho elaborado por Carlos Eduardo Coelho da Costa (2007) o autor buscou analisar o corpo/identidade masculino na educação e saúde da infância, estabelecendo comparações, através de filmagens, o comportamento de professores e professoras em sala de aula de Ensino Fundamental e, neste caso, enfatizando a participação do professor do sexo masculino no cotidiano educativo.

Desta maneira, como consta nas pesquisas mencionadas, ao se ter um número menor de docentes do sexo masculino, especialmente, no que se refere aos níveis da Educação Infantil e ao ensino fundamental, provoca uma reflexão acerca das implicações para o docente masculino da Educação Infantil, já que esse é um espaço onde predomina a feminização. Seguindo a ideia de que as formas de fazer educação são vastas, no que diz respeito aos indivíduos nela envolvidos, convém problematizar a polarização masculino/feminino na educação, de modo que, como aponta Sayão (2005, p. 60), “possamos dar visibilidade à pluralidade no interior de cada um dos polos.” Com isso, o objetivo geral desta pesquisa concentra-se em avaliar a presença e a recepção de docentes masculinos na Educação Infantil, em escolas públicas do município de Coremas – PB. Os objetivos que guiam essa pesquisa se baseiam em analisar os desafios enfrentados pelo docente masculino ao longo da história do Brasil bem como para ingressar no ensino infantil, e analisar a sua participação, finalizando com uma análise da participação dos docentes masculinos na educação infantil na rede municipal de ensino da cidade de Coremas – PB e uma análise investigativa a respeito do tema em uma escola pública municipal do mesmo município, sob a perspectiva de gestores, professores e pais.

A principal motivação para essa pesquisa se deu pelo fato do desconhecimento a respeito da existência de professores pedagogos em escolas do município supracitado. Com isso, também foi nosso intuito sondar se haveria alguma espécie de receio por parte dos pais dos alunos de uma instituição da cidade, quanto a um sujeito masculino atuar na Educação Infantil. Esperamos assim, contribuir com a literatura existente acerca do assunto, mesmo sendo um tema que nunca fica fora de foco, creio que será uma abordagem inovadora para a bibliografia local, já que se trata de um estudo de campo até então, inédito na referida localidade.

Este trabalho é composto, além desta introdução, que trata da organização geral do trabalho, de mais três capítulos. No primeiro capítulo, tratamos do surgimento dos primeiros docentes masculinos e as transformações sociais desta profissão, buscando propor as igualdades entre os gêneros, dando a certeza de que o ensino onde as mulheres habitam hoje se constitui de um campo originado pelos docentes homens. Nesta etapa, utilizamos as considerações de Louro (1997, 2010, 2012), Forquin (1993) e entre outros. No segundo capítulo, explanamos a respeito da origem histórica da Educação Infantil no Brasil no século XIX ao XXI, envolvendo formas e educação entre a criança, a família, a comunidade e a sociedade, mostrando, assim, os cuidados e as diferenças culturais

vivenciadas pelas duas classes (elite e pobres) que se engajou dentro das transformações e evoluções caracterizadas pelas industrializações. Assim, nos valem das considerações de Kishimoto (1988), Louro (1997) Vieira (1999), entre outros. Já no terceiro capítulo, apresentamos a nossa pesquisa de campo, realizada em uma escola pública do referido município, bem como o levantamento feito na secretaria municipal de educação da cidade, propondo conhecer se existe a participação de docentes masculinos nas escolas e suas possíveis rejeições considerando pontos de vistas da gestão e das famílias.

Por fim, trouxemos algumas considerações a partir dos resultados obtidos com a realização deste trabalho. Acreditamos que é essencial a discussão sobre o tema, pois, nos dias de hoje, muitos pedagogos que estão ingressando na área docente enfrentam algum tipo de preconceito, principalmente, na Educação Infantil, que, ainda, é muito ligada à figura feminina.

## **METODOLOGIA**

O referido projeto será desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com método dedutivo e abordagem qualitativa, na qual Oliveira (2007) aponta que a metodologia deve ter clareza na colocação da problemática, assim como cumprir os objetivos preestabelecidos, ter uma boa escolha dos instrumentos a serem utilizados no decorrer da pesquisa, definir um cronograma de atividades, coletar e analisar os dados apontando os resultados. A pesquisa quantitativa, segundo Fonseca (2002) destaca que a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Como ansiamos analisar quais as implicações para o docente masculino que atua na Educação Infantil, apresenta-se abaixo como estará estruturado o percurso metodológico deste projeto. Com base nas ideias de Oliveira (2007, p. 467), a pesquisa bibliográfica é a “[...] atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, orientada pelo objetivo explícito de coletar materiais mais genéricos ou mais específicos a respeito de um tema”.

Neste contexto, optamos por tentar realizar este tipo de pesquisa no intuito de conhecer o pensamento de autores sobre a temática em debate e para o enriquecimento teórico/científico do trabalho. Quanto à abordagem, será qualitativa, pois consoante a Oliveira (2007, p. 59):

As abordagens qualitativas facilitam a descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo de mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Além de a pesquisa ser qualitativa, utilizaremos o modelo quantitativo, pois será também desenvolvida a pesquisa em campo por intermédio do método de questões abertas, de natureza exploratória. A técnica quantitativa apresenta envolvimento matemático que permite um levantamento de testar as hipóteses através das pessoas entrevistadas tendo como objetivo adquirir informações de qualidades, com importância.

Para Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. (...) A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Portanto, escolheu-se pela abordagem quantitativa pelo fato de se trabalhar partindo de uma hipótese objetivando analisar o modo e pensar como fonte de opinião através do dos entrevistados garantindo assim, medidas que seriam fundamentais para uma boa pesquisa quantitativa a respeito do tema em estudo.

## **1. O DOCENTE MASCULINO: DO PROTAGONISMO AO APAGAMENTO**

Neste capítulo faremos um breve comentário acerca da historicidade dos docentes masculinos na história do Brasil, desde a sua ampla participação, no início da colonização, período em que a educação ainda era muito ligada à religião, exercida por padres e membros da Igreja Católica e também a sua gradativa substituição pelas mulheres devido à industrialização e as novas oportunidades de trabalho nas indústrias no Brasil, cedendo cada vez mais espaço para que as mulheres ocupassem o magistério.

### **1.1. O docente masculino: Histórico**

Conforme Louro (1997), a instituição escolar era, primeiramente, masculina, sobretudo, religiosa. No decorrer da colonização do Brasil, os jesuítas, ‘braço espiritual da colonização’ procuravam uma maneira educativa de catequizar os homens jovens e brancos dos setores dominantes, investindo de fato na formação deles. Constituindo uma educação de conduta, caráter e posição social. Dessa maneira, tal processo de colonização trouxe consigo uma forma de educação organizada para educar homens daquela época, por intermédio dos educadores religiosos.

No período jesuítico, os professores homens foram os primeiros a atuarem na educação escolar brasileira, usando, assim, uma estratégia de capacitar indivíduos analfabetos que habitavam os setores dominantes. Portanto, esse período era dominado pelos homens, constituindo, assim, uma educação predominantemente católica. Segundo Louro (2012),

O processo educativo escolar, que se instala no início dos tempos modernos, se assenta, pois, na figura de um mestre exemplar. Diferentemente dos antigos mestres medievais, ele se tornará responsável pela conduta de cada um de seus alunos, cuidando para que esse carregue, para além da escola, os comportamentos e as virtudes que ali aprendeu. Para que isso aconteça, não basta que o mestre seja conhecedor dos saberes que deve transmitir, mas é preciso que seja ele próprio, um modelo a ser seguido (LOURO, 2012, p. 96).

Como dito, as escolas passaram a ser vistas não só como transmissoras do conhecimento, mas também como formadora da personalidade dos alunos, e os mestres deveriam ser exemplo para os mesmos, portanto sua imagem era intimamente ligada à

imagem do educador. Em virtude disso, os alunos do sexo masculino eram maioria nas escolas, ou ocupantes em sua totalidade. Ainda consoante a Louro (2012),

A escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um *locus* privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, é ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero. Em nosso país, como em vários outros, esse espaço foi, a princípio, marcadamente masculino (LOURO, 2012, p. 77).

Como as relações de gênero existentes na nossa sociedade ultrapassaram os portões da escola, formando nela um espaço onde essas representações seriam absorvidas pelos estudantes, a escola passou a ser um espaço marcadamente masculino, visto que nossa sociedade sempre foi patriarcalista e conseqüentemente machista, sendo a mulher relegada à função de dona de casa, fazeres que aprenderiam com sua mãe ou outros parentes, no espaço familiar e não na escola.

Assim, o Brasil passou por um grande período em que a educação era constituída como dever ou função masculina. Os alunos eram meninos e os professores, na grande maioria, eram homens religiosos. Nessa época, o homem apresentava mais poder para expor a sua capacidade moral e intelectual. Contudo, o homem não só prevalecia no campo educativo, como também em todas as esferas da sociedade. Todas as decisões no âmbito educacional eram tomadas por ele. Durante esse período, o homem tinha certo poder como docente, pois ele sempre garantiu o seu desenvolvimento durante seu trabalho na criação da educação.

No século XVIII, a atuação masculina ainda predominava em sala de aula, mas já iniciava a transformação social e gradativa, que passava a ter a atuação feminina na sala de aula. Nessa conjuntura, logo após o surgimento da Revolução Francesa, as mulheres passaram a ser as dominadoras, ou seja, começaram a ser chamadas a assumir um papel social no magistério. Conforme destaca Louro (1997, p. 95),

No Brasil é possível identificar algumas transformações sociais transformações no magistério infantil em que a feminização passa a assumir a docência em sala que, ao longo da segunda metade do século XIX, iriam permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco o seu predomínio como docentes.

Assim sendo, o século XIX denota transformações significativas na docência em sala de aula, passando assim a adquirir um espaço destinado ao sexo feminino. As

mulheres passaram a ser vistas como responsáveis, passivas, frágeis e meigas, apresentando assim um bom desenvolvimento na área docente.

Entretanto, cumpre destacar que o mito da mulher, mãe e educadora nata, favorece o fato da sociedade relacionar a docência à imagem maternal, e que, portanto, seria ela a mais capacitada para contribuir com a formação das crianças em suas séries iniciais. Desta maneira, observamos que essa concepção de que a mulher seria a melhor educadora para o magistério infantil, assimilada diretamente por um corpo social que contribuía para o desligamento dos homens do magistério infantil.

A autora Arce (2001) revela que nas instituições voltadas para a classe trabalhadora, a

[...] constituição histórica da imagem do profissional de educação infantil tem estado fortemente impregnada do mito da maternidade, da mulher como rainha do lar, educadora nata, cujo papel educativo associa-se necessariamente ao ambiente doméstico, sendo, assim, particularmente importante nos primeiros anos da infância. (ARCE 2001, pp. 4-5).

A autora descreve como a mulher foi vista nessa constituição histórica, apresentando assim suas vantagens em relação a uma qualificada docência há cerca da visão social, isso se concretizou pelo fato da sua vida rotineira, trabalhando em casa. A mulher deveria ser educada e não instruída porque, segundo os estudos de Louro (2001),

Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial—como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida de bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, *o pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro. (LOURO, 2001, p.446, destaque da autora).

Arce (2001) aponta sua citação diferentemente de Louro (2001), pois o mesmo mostra que a mulher traz consigo uma educação denominada do lar; por ser dona de casa e tendo um instinto maternal de cuidar dos seus filhos. Já Louro (2001), demonstra que a mulher precisa ser primeiramente educada antes mesmo de exercitar a sua profissão voltada à naturalidade doméstica. Então, tal questão nos mostra a capacidade que a mulher apresenta no campo do lar não é o suficiente para que ela possa usufruir de maneira cem por cento a educação infantil.

Podemos perceber que a resposta para a questão dos gêneros em sala seria o termo conhecimento. Com isso, independente de ser homem ou mulher. Ambos podem garantir esse direito, por intermédio da busca pela evolução dos seus conhecimentos.

Levando-se, assim, em conta a questão de gêneros, Sayão (2005) descreve que:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005, p. 16).

Sayão (2005) descreve que o docente masculino ao propor um trabalho que realizasse cuidados corporais entre meninos e meninas teria probabilidade de provocar conflitos, questionamentos ou até mesmo preconceitos.

Essas transformações ocorridas durante o séculos citados foram gradativamente seguidas por um período de tempo, que se desenvolveu ao decorrer da modernidade; com isso o homem foi se afastando e se reconstruindo em outras abrangências de trabalho. De acordo com Louro (2010), os processos de urbanização e industrialização ampliaram as oportunidades de trabalho aos homens. Ou seja, os homens, de maneira gradativa passaram por esse processo de transformação, conseqüentemente se adaptando à urbanização (serviços pesados que foram adaptáveis pelos quais abrangiam a construção civil). Desta forma, aos poucos, os homens foram cedendo espaço para as mulheres.

Portanto, podemos deduzir que uma porção significativa de homens foi sendo extraída lentamente do ensino primário, isso se concretiza pelas buscas de emprego ao longo de várias décadas, buscando por melhorias, empregos de melhor remuneração; fator proporcionado pelo desenvolvimento moderno da industrialização no país, tendo em vista que “a economia capitalista industrial demandava a criação de novos empregos a serem preenchidos pela população masculina” (ALMEIDA, 1998, p 70).

Por conseqüências dessas mudanças sociais, cada vez mais as mulheres garantiam forças e espaço, decretando uma liberdade de expressão e trabalhista como docente em sala de aula. No século XX, a mulher apresentou uma força que a fixava de vez na educação infantil. Com isso, o século XXI garante a exclusão do homem na educação infantil, esquecendo assim das origens educativas exercidas primeiramente pelo docente masculino, que não conhece a história da educação infantil do Brasil, formando assim essa barreira preconceituosa.

Foram essas transformações que ocorreram desde então na nossa sociedade, apresentando assim algumas mudanças e conquistas que alteraram o conceito hegemônico do papel do homem e da mulher no mundo, diagnosticando mudanças nas representações do gênero masculino, afetando e repercutindo no ambiente escolar.

Portanto, Assis (2000, p. 3) nos diz que não só a mulher poderia lidar com a docência infantil, mas sim os dois gêneros (mulher e homem). A sociedade, atualmente, ainda se destaca por criar uma cultura de que unicamente a mulher seria capaz de cumprir esse papel, gerando assim, certo desconforto de incapacidade ao homem.

Segundo Forquin (1993), as mulheres, sendo agentes de ensino, ocupam um universo constituído pela masculinidade, não só porque as disciplinas escolares foram feitas pelos homens, mas por causa das suas transformações e produções como mapas, livros e investigações científicas que foram caracterizadas pelo longo período em que o homem dominava a educação.

O autor demonstra que os direitos deveriam ser iguais, ele constitui e apresenta duas fases, a primeira consequentemente apresentada pelo homem no início da sua educação, por segundo a mulher que começou a substituir o seu lugar na educação. Descrevendo duas fases apresentadas por dois direitos no qual o homem e a mulher aparentemente possuem entre si. Demonstrando à sociedade que não existe distinção de gêneros e raça.

No entanto, a sociedade necessita ser esclarecida daquilo que não se tem conhecimento, dessa forma o preconceito com relação ao docente masculino deveria ser visto de modo claro, como um direito de todos, sem distinção de gênero e raça.

Com isso, a docência masculina não iria sentir tanta dificuldade e discriminação no âmbito escolar. Deveríamos usar a regra dos direitos iguais, pois hoje a sociedade não coloca esse termo em prática, mas sim a aceção de pessoas ou gênero.

A educação docente apresentada pelo docente masculino originou-se no século XVIII, dada aos religiosos docentes (padres e protestantes) um estudo de normas que se constituía como educação. Por conseguinte, o docente masculino deveria ser tratado de maneira neutra, ou seja, os valores da sociedade atual que travam a inserção de docentes masculinos na educação infantil não deveriam interferir no processo educativo que passaria a lecionar como um ser social enquadrado entre seus direitos e deveres como cidadão.

Portanto, é importante conhecermos um pouco sobre a história da docência masculina no Brasil, bem como suas transformações, para depois nos atermos ao que dizem as leis educacionais a respeito do tema e sua construção. Analisaremos, no segundo capítulo, o caminho que a educação infantil percorreu e os inúmeros preconceitos e tabus que ela teve e tem que quebrar em relação às questões de gênero que existem na nossa sociedade e infelizmente refletem na educação.

## **2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O DOCENTE HOMEM**

Neste capítulo, abordaremos leis que regem a educação infantil brasileira, dando ênfase aos processos históricos que essas leis percorreram, principalmente a partir da elaboração da carta magna de 1988, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o que essas leis falam a respeito do papel do professor na educação, como também o panorama atual do Brasil a respeito da presença masculina na educação infantil.

### **2.1. História da Educação Infantil**

A constituição de 1988 trouxe muitas conquistas sociais para a população brasileira, inclusive na área educacional, com base nela foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, lei 9394/96 e a educação infantil ganhou mais visibilidade, perdendo, assim, o seu conceito assistencialista e se transformando em obrigatoriedade do estado.

Segundo Kuhlmann, (2003, p. 469):

Pode-se falar de Educação Infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva. Mas há outro significado, mais preciso e limitado, consagrado na Constituição Federal de 1988, que se refere à modalidade específica das instituições educacionais para a criança pequena, de 0 a 6 anos de idade. Essas instituições surgem durante a primeira metade do século XIX, em vários países do continente europeu, como parte de uma série de iniciativas reguladoras da vida social, que envolvem a crescente industrialização e urbanização.

A Educação Infantil caracteriza uma regularização da formação educativa exterior ao domicílio, ou seja, trata-se do período de vida escolar em que se atende pedagogicamente crianças entre 0 e 5 anos de idade no Brasil. Durante essa faixa etária, as crianças não apresentam obrigatoriedade de matrícula escolar. Nesse prisma, a Constituição de 1988 destaca a responsabilidade que o Estado apresenta com a educação das crianças. A LDB em seu artigo 30º veio confirmar isso quando afirma que a Educação Infantil deverá ser oferecida a crianças de até 3 anos em creches, e de 04 a 05 anos em pré-escolas. Vale ressaltar que é também responsabilidade do Estado disponibilizar o espaço educativo.

O art. 29º da LDB (Lei nº 9.394/1996), nos informa que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2017, p. 5)

Como se percebe, a referida etapa da educação apresenta aspectos que se destacam ao longo do seu surgimento, o que a torna uma etapa da educação de grande importância para os dias atuais. Assim, através desse surgimento, a educação infantil originou-se como forma de um apoio da nova sociedade. As mães necessitavam de ir ao trabalho, pois não tinham onde deixar seus filhos, pois, os locais onde as crianças ficavam eram totalmente desapropriados, não possuía capacidade de abrigo e isso os levava a ficarem anexas as fábricas. Era dessa maneira que os cuidados relativos às crianças eram abordados, cuidados que muitas vezes eram adquiridos através de favores.

Com a evolução e o aumento das fábricas, foi surgindo um movimento entre as mulheres, que passavam a procurar creches para que seus filhos pudessem permanecer, enquanto elas exerciam suas atividades nessas fábricas.

Segundo Faria (1999, p. 25),

Se os anos 70 voltaram-se para as mulheres, nos anos 80, essa mulher voltou-se para as crianças. Foram, em geral, as feministas intelectualizadas de classe média, e que eram contra a ditadura, que passaram a pesquisar sobre a infância e assessorar os governos progressistas que, atendendo às reivindicações populares, prometendo creches nas suas campanhas eleitorais.

Era um período em que a mão de obra feminina ganhava importância no mercado de trabalho, isso seria uma consequência de que as indústrias estavam sendo gradativamente expandidas, garantindo assim mais cargos que necessitavam ser ocupados por mulheres.

Com o surgimento das creches e jardins infantis, o Brasil apresentou duas distinções entre as classes sociais, sendo duas instituições como creches e jardins, ou seja, a creche para os filhos dos pobres e os jardins para a demanda rica (KISHIMOTO, 1988, p. 58). No Brasil, os primeiros jardins de infância foram criados no final do século XIX, em forma de “escola particular, destinada à elite” cuja finalidade era de, desde a mais tenra idade, promover o desenvolvimento intelectual, por meio de

“métodos intuitivos e naturais”, sempre considerando as necessidades de conhecimento de cada criança.

Sendo assim, podemos notar que a partir do comentário de (KISHIMOTO, 1988) que existiu duas distinções entre as classes sociais que predominou no território nacional brasileiro, a creche seria uma assistência destinada aos filhos dos trabalhadores, ou destinada àquelas crianças mais carentes, de modo contrário os jardins da infância eram destinados à demanda mais rica que se dava por nome elite, ou seja, essas escolas eram unicamente engajadas apenas os filhos dos ricos.

De todo modo, tal questão nos faz pensar a respeito de quem seriam os profissionais dessa educação. Quem eram os qualificados que se comprometeram a trabalhar nessas instituições? Será que esses profissionais tinham alguma formação acadêmica que lhes garantiria trabalhar com crianças menores de seis anos? Com relação a essa dúvida, Vieira (1999, p. 33) destaca que:

Em geral, as creches eram dirigidas por médicos ou assistentes sociais (ou irmãs de caridade), contando com educadoras leigas ou auxiliares, das quais eram requeridos conhecimentos nas áreas de saúde, higiene e puericultura. Nos jardins de infância, eram professores (mas, sobretudo, as professoras normalistas) os profissionais destinados à tarefa de educar e socializar os pequenos.

Os autores, Pachol e Machado (2009) destacam que, mesmo com o surgimento entre as discussões que envolveram o termo educacional voltado para o desenvolvimento da criança. O que vem predominando nessa educação é o assistencialismo, pois as instituições que vem trazendo um acompanhamento que verdadeiramente seria de religiosas e médicos higienistas, os quais desenvolviam seus trabalhos em creches e jardins de infância. Suas intenções eram de combater os altos índices de mortalidade infantil, tanto no meio familiar como nas instituições que auxiliavam as crianças.

Por fim, a história da educação evidenciou uma índole desalinhada do Estado para educação de 0 a 5 anos, que desde o seu surgimento no século XIX, foi claramente assistencialista e edificativo, visando educar as crianças para que as mesmas pudessem assumir o seu lugar na sociedade. Na década de 1990 se constituiu como uma grande legislação. Apesar disso, os direitos que as crianças estabeleciam não foram consagrados, ou seja, não foram efetivados, revelando que a criança prosseguia sendo

limitada no seu direito à educação, circunstância fundamental para o alcance dos demais direitos.

De forma geral, conclui-se que o ensino educacional da infância atualmente conhecido como educação infantil, jamais foi prioridade no território brasileiro, sempre sendo objeto de políticas de baixo nível, e isso se teve mesmo quando a política passou a ser administrada pelos órgãos educacionais. Ao refletirmos acerca dos fatos mencionados, podemos ver que os desafios para o século XXI são gigantes precisando assim de: acrescentar uma ampliação em seu acesso buscando propor um atendimento mais qualificado, visando, com importância a garantia do direito a educação de milhares de crianças.

Dando continuidade às nossas discussões, na próxima seção apresentaremos algumas considerações acerca da educação infantil sob o olhar da recente Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

## **2.2. A educação infantil no contexto da BNCC**

Sabemos que a prática educativa enfrenta uma diversidade de realidades distintas entre as regiões do Brasil. Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vem para uniformizar o currículo no Brasil, assim, ela propõe que na etapa inicial da educação, considerada o fundamento do processo educacional, seguindo os eixos estruturantes – interações e brincadeira –, “devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver.” (BRASIL, 2017, p. 25). Desse modo, a BNCC nos apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, considerados essenciais, para que

[...] as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 35).

Assim, o documento propõe *conviver* no sentido da democracia, com outras crianças e adultos utilizando e produzindo diversas linguagens, ampliando, através do convívio com outras pessoas, saberes essenciais pra sua vivência no mundo. *Brincar* cotidianamente de maneiras diversas e com várias pessoas, interagindo e recriando a

cultura infantil, acessando, por intermédio do lúdico, saberes culturais de sua sociedade. Ser protagonista de todo o processo educacional vivido na instituição escolar, *participando* tanto nas atividades recorrentes da vida cotidiana como na realização e avaliação das atividades propostas, na escolha das brincadeiras, dos materiais, dos ambientes. *Explorar* movimentos e gestos, sons, palavras, histórias, linguagens artísticas, materiais, objetos, elementos da natureza e do ambiente urbano e do campo, interagindo com o repertório cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. *Comunicar*, por meio de diferentes linguagens, opiniões, sentimentos e desejos, pedidos de ajuda, narrativas de experiências, registro de vivências, etc. *Conhecer-se* e construir sua identidade pessoal e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento (gênero, religião, grupo étnico racial, etc.) nas diversas interações e brincadeiras que vivencia na unidade de educação infantil. (BRASIL, 2018)

Com esses pontos destaques na educação infantil, tem-se em vista uma melhora nos aspectos educacionais e uma maior integração do ensino nas diversas regiões do país. Aliado a isso é preciso que haja consciência de que a família é o primeiro lugar onde as crianças devem ser educadas, e a função da escola é aprimorar essa educação.

Feitas essas considerações, analisaremos a participação do educador masculino na educação infantil, passando pelas múltiplas representações de papéis do homem e da mulher na sociedade, que refletem diretamente na escola, como também as questões raciais, pois se temos poucos educadores masculinos na Educação Infantil, o número se reduz drasticamente quando relacionado aos educadores masculinos negros.

### **2.3. O panorama atual da atuação docente masculina na educação infantil**

Quando se fala em desigualdade educacional já entendemos que se trata a respeito da construção social levada por posições que são representadas pela sociedade.

Louro (1997) afirma que:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

Destaca-se que o debate relacionado ao campo social se dava através do gênero sobre o caráter histórico implantado sob entre as diferenças do homem e a mulher; diferenças baseadas na determinação biológica, pelas quais eram usadas como argumento de que os homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorrem dessa distinção, (LOURO, 2004, p. 20). Demonstra que a diferença é uma relação social, ou melhor, uma “produção social”, isso significa dizer que elas não são definidas, mas impostas, pois estão em estreita conexão com relação ao poder. Traduzindo assim a presença do poder pode ser, ou seja, incluir/excluir. Gerando uma hierarquização de uns com os outros.

Pois a educação brasileira não oferece em nenhum curso separação de gênero. A Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96, estipula como nível mínimo para professor da educação infantil o magistério, não faz nenhuma alusão se o profissional deverá ser homem ou mulher. Por isso, a sociedade traduz aquilo sem significância desconhecendo assim os direitos que o docente masculino apresenta perante a lei.

Ao se debater a respeito dos gêneros sabemos que isso não se tem um aspecto apenas para relação com o sexo, mas também estabelece relações entre a mulher o homem. Louro (1997) afirma:

O conceito passa a ser usado, então, com um forte apelo relacional - já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Deste modo, ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estão agora de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens. Busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da "Mulher" ou do "Homem". (LOURO, 1997, p. 22).

A citação destaca e esclarece uma relação que a sociedade constrói dentro das diferenças trazida através de estudos priorizado com relação a mulher apresentando, assim, uma forma mais explícita ao ser referida aos homens. Buscando, assim, entender e explicar o que se afirma a respeito do gênero que conseqüentemente é visto de forma generalizada entre a mulher e o homem.

Isso nos mostra que, a partir do momento em que as famílias conhecem um bom trabalho de um homem docente nas séries infantis, conseqüentemente essa rejeição iria ter uma grande diminuição entre o preconceito docente masculino.

Portanto, as diferenças que existem entre os indivíduos não são vistas como algo construtivo e positivo, e sim resulta numa relação conjunta entre dialógica e múltipla, diferentemente disso, as diferenças apresentam desconforto impedindo que se reconheça

nos outros os meios de qualidade que as pessoas trazem consigo aquelas diferenças. Contudo, esse modo citado reflete num comportamento dentre diferenças que se denomina o preconceito.

No território nacional, entre os 443.405 profissionais contabilizados neste segmento do ensino pelo Censo da Educação Básica de 2012, apenas 13.516, ou 3%, eram docentes homens, conseqüentemente 97% são mulheres. Muitos pais ou famílias não querem deixar seus filhos estudarem com homens, eles preferem seguir aquelas antigas doutrinas que lhes foram aplicadas pelos seus próprios pais, dando-lhes uma regra de formato ignorante. Sabemos que o analfabetismo das famílias de antigamente eram mais frequentes, pois eles viviam de uma cultura passada de pai para filho.

Todavia, o mal-estar docente do professor das séries iniciais do sexo masculino pode estar, acima de tudo, no arcabouço histórico de que esta é uma profissão feminina e nos preconceitos que são gerados a partir dele.

Isso nos faz pensar que além de sofrermos por causa desses empecilhos, também enfrentaremos o desemprego sobre as escolas privadas da rede infantil; as mesmas não recebem professores homens, fazendo com que essa onda social preconceituosa aumente a cada dia, prejudicando assim todos que se constituem como profissionais na pedagogia (pedagogo); customizando assim o preconceito ignorante, devastador e sem respeito com os profissionais homens da educação pedagógica. Infelizmente a sociedade foi se corrompendo, se degradando pelos pensamentos medíocres de um povo pobre de conhecimento.

Geralmente o preconceito é originado sobre diversas opiniões que são formadas sem reflexões, ou até mesmo pode ser chamado de um conceito antecipado que se forma sobre determinada pessoa, e na maioria das vezes se manifestam por impulso seguindo a sociedade sem nem mesmo saber do que se trata.

Em 1988, a Constituição Federal definiu racismo como crime inafiançável e imprescritível, sendo assim uma grande conquista para o movimento negro. Ao surgir a lei nº 7.716, de 1989 houve uma vasta discussão em juízo com os surgimentos de várias ações penais em tramitação nos tribunais de justiça do país. Ao ser analisado essa forma de processo à luz dos direitos humanos pode ser constatada sobre a dissimulação dos direitos da população negra, sendo que 90% dos racismos são classificados como injúria.

Conforme as pesquisas de Eliane Cavalleiro (2007) foi possível identificar o racismo nesta faixa etária, a mesma relata que as pesquisas do étnico racial na

Educação Infantil “[...] sinalizam a existência de práticas discriminatórias na relação interpessoal entre adultos e adultos/crianças, mas não evidenciam a existência de discriminação entre as crianças.” (CAVALLEIRO, 2007, p. 30).

Logo, pode-se perceber que a educação antirracista desde a Educação Infantil não só é necessária como demanda a pensar e repensar que diante de fatos como esses – falas racistas, aparentemente inocentes – se tornam urgentes ações voltadas a desconstruções sociais em relação ao negro.

É importante ressaltar que assim como as questões de gênero que existem na sociedade são refletidas na educação, com as raciais também não é diferente, visto o baixíssimo número de educadores negros no Brasil. Concluimos, então, que as diferenças de gênero e de raça nas relações sociais também refletem na educação e é necessário encaminhar, na escola e nos cursos de licenciatura, ações para igualdade, portanto, ação antissexista e antirracista, compreende construir, ao mesmo tempo, desconstruir; identificar/apontar, ao mesmo tempo criticar/negar, a fim de que a igualdade seja vista na diferença. E no caso brasileiro, que negros e não negros se vejam resultado/produto e agentes históricos e identitários dessa grande nação (GOMES, 2005; GUIMARÃES, 1999). Nesse sentido:

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores (as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores (as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro [...] (GOMES, 2005, p.60).

Dessa forma, enquanto professor da pequena infância, homem, negro, cabe denunciar e encaminhar ações com vistas ao antissexismo e antiracismo na educação, e, portanto, defender a igualdade no reconhecimento e atenção às diferenças.

Assim, podemos perceber, por meio dessas considerações, que os negros também podem optar pelo curso de pedagogia, podendo ser graduados nessa área como qualquer outra pessoa sem distinção de raça. Observamos as desigualdades dentro dos nossos próprios diretos e isso nos leva a apensar nos constrangimentos que os mesmos sofrem, sendo de maneira agressiva e desumana; e sem falar que é crime correndo o risco então de ser punido pela lei. E isso nos leva a pensar que na prática e na descrição de tais discriminações, ou seja, a cor, percebemos que não só o “homem branco” sofre

com esses descasos na educação infantil, salientamos também a questão da raça, do homem de pele escura que pela sociedade moderna apresenta diferenças. Entretanto, a raça também é constituída por essa divisão entre as classes modernas.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 97):

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência [...] o outro é o outro gênero, o outro é a outra cor, o outro é a raça, o outro é outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Entre esses desequilíbrios, só apresentaria um termo de mudanças a partir do momento em que a sociedade rearranjasse o seu gênero em forma de conjunto, focando assim numa igualdade política e social, tendo como objetivo de incluir: classes, raça e sexo; dando assim uma conjuntura a questão do poder. Infelizmente muitas são as pessoas que nos tempos modernos enxergam apenas a remuneração que se constitui do poder e não das qualidades e da capacidade que as pessoas apresentam no nosso meio.

De fato, os docentes masculinos precisam de uma acessibilidade, ou seja, de algo que os levem a uma determinada facilidade de aproximação para sua profissionalização como docente, obtendo, assim, oportunidades no campo educativo infantil. Pensando nisso, abordaremos, no terceiro capítulo, a participação masculina na rede municipal de ensino de Coremas-PB, buscando compreender, por meio de entrevistas e relatos de gestores, de professores, de alunos e pais de alunos, as dificuldades que esses profissionais ainda enfrentam.

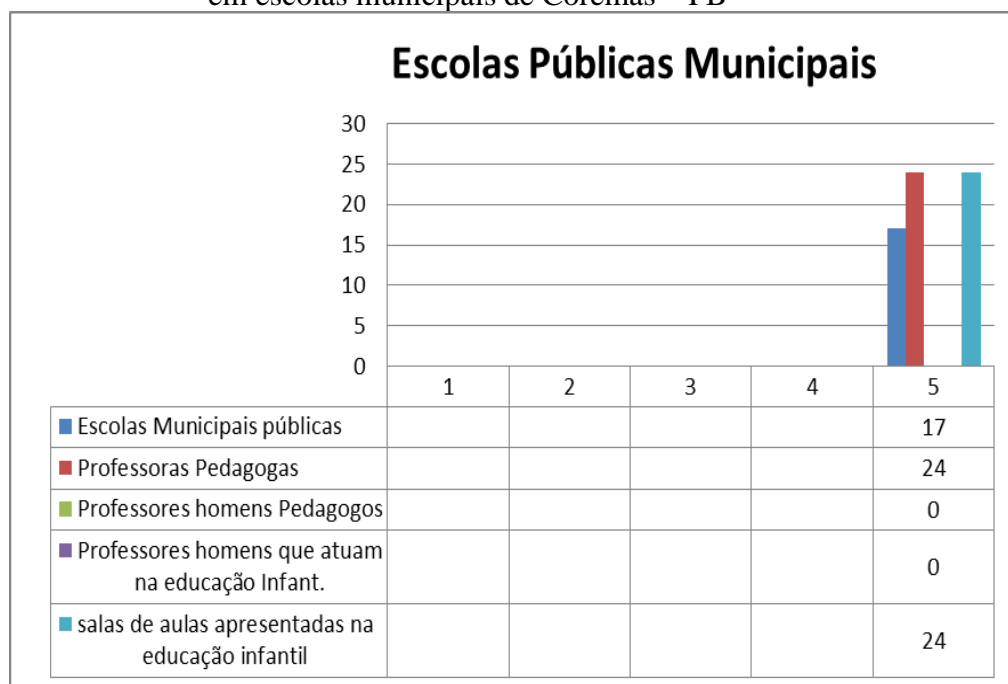
### 3. O DOCENTE DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOB O OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR DA REDE MUNICIPAL PÚBLICA DE ENSINO DE COREMAS.

Neste capítulo faremos uma análise sobre o quantitativo de professores homens na rede municipal de ensino de Coremas- PB, através de análise de dados da Secretaria Municipal do município. Também apresentaremos os resultados da pesquisa de campo e a aplicação de entrevistas e questionários.

#### 3.1. Levantamento da situação de docentes masculinos em escolas municipais de Coremas – PB

Pra compreender o que foi proposto, realizamos um método de pesquisa de campo, com intuito de permitir a obtenção de elementos que buscam, assim, o modo de reflexão através do estudo acerca do tema. Para dar mais ênfase a pesquisa, realizamos um levantamento na Secretaria de Municipal de Educação do município de Coremas-PB sobre a atuação de docentes masculinos no ensino infantil. Conforme exposto no gráfico 1 a seguir:

**Gráfico 1-** Levantamento da situação de docentes masculinos em escolas municipais de Coremas – PB



Fonte: Elaborado pelo autor.

O presente gráfico demonstra uma quantidade de dezessete escolas em todo município, com vinte e quatro professoras pedagogas concursadas, as demais, que não apontamos a quantidade no gráfico, são contratadas. O levantamento revela que não há homens graduados em pedagogia, fazendo com que o município apresente, unicamente, mulheres para desenvolver esse papel na Educação Infantil, gerando, assim, um desconforto ao perfil masculino, pelo fato do errôneo costume social de enxergar que a Educação Infantil fora padronizada para o sexo feminino. São esses constrangimentos que desestimulam o homem a cursar pedagogia, o que favorece o apagamento do docente masculino tanto na Educação Infantil municipal como no Brasil.

### **3.2. Entrevista realizada em uma escola pública: gestora, professora e pais.**

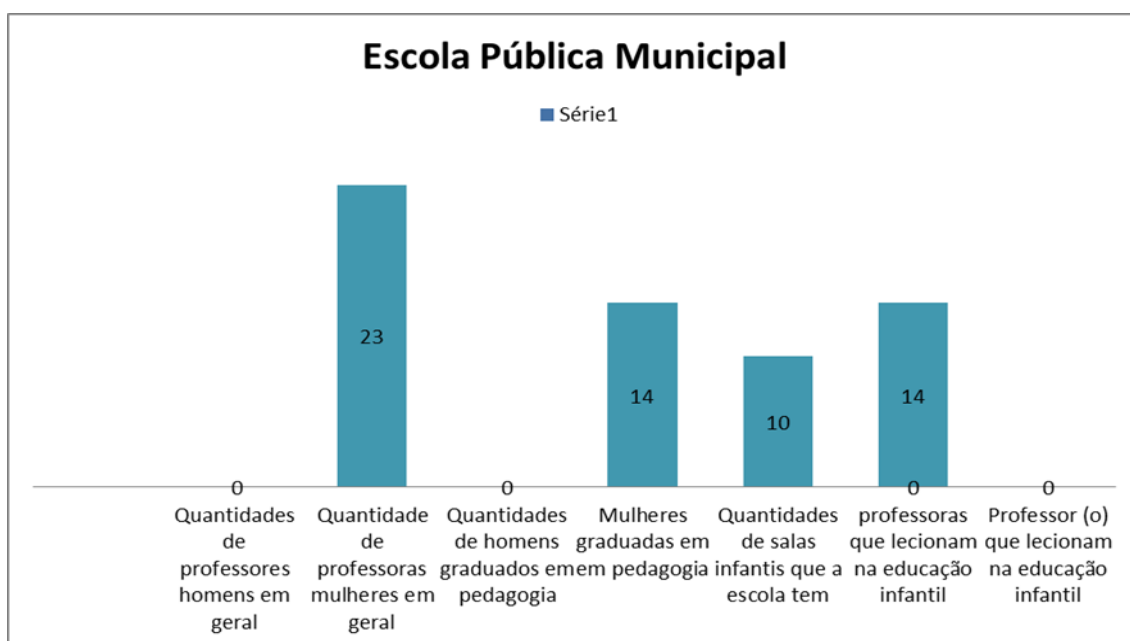
Após o levantamento na Secretaria de Municipal de Educação do município e certo da inexistência de professores homens na Educação Infantil da cidade, fomos até a maior escola pública da cidade, em termos de estrutura, quantidade de docentes e alunos, com intuito de colher a maior quantidade de informação possível e para verificar a questão da presença e da recepção de docentes masculinos na Educação Infantil. Para tanto, foram aplicados questionários que apresentavam interrogações a cerca do docente masculino no município. A coleta de dados ocorreu no primeiro semestre do ano de 2018, em uma escola pública do município de Coremas – PB, tendo como entrevistada (o): Gestora da escola, professoras e familiares de alunos (mães ou pais). Com relação aos professores masculinos não foi possível aplicar questionários, pois a escola, como as demais do município, não apresenta esses profissionais em sala (justifico que, por isso, o questionário foi aplicado sobre a direção escolar com fins de absorver informações voltadas à atuação do docente masculino).

A próxima apresentação de dados, o gráfico 2 apresenta o quantitativo de professores do determinado estabelecimento de ensino, onde a pesquisa foi realizada e demonstra que a escola possui no total, 10 salas de aula, funcionando, com 14 professoras, todas do sexo feminino, todas licenciadas em Pedagogia, sendo que quatro das catorze seriam na condição de dar apoio nas turmas mais problemáticas. Esse resultado demonstra que as mulheres ainda se destacam no ambiente infantil, revelando

assim uma visão da sociedade de que, nas séries iniciais, não se encaixa no perfil masculino.

Mas a inexistência desse perfil, conforme o gráfico a seguir (cf. gráfico 2), seria caracterizada pelo preconceito e pela falta de graduados dando a entender que se existisse homens nessa área seria uma grande novidade para instituição educacional local, mas de modo contrário não seria uma novidade muito bem vinda para as famílias dos alunos.

**Gráfico 2** –Perfil dos profissionais da educação de Coremas, quanto ao gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por isso, a pesquisa salienta a questão do segmento social, demonstrando e comprovando que na verdade o docente masculino é visto de forma equivocada dentro do ensino, principalmente, por alguns pais que demonstram certo receio pelo gênero masculino, podendo assim, ser notada a real questão do preconceito. Informações que decorreram através da fala da gestora da escola que por consequência se sentiu indecisa na questão se traria o docente masculino ou não. A gestora respondeu:

*“Ficaria entre a cruz e a espada se caso pudesse colocar um homem na educação infantil, pois, se mesmo que meu ponto de vista, aponte que os ambos os gêneros apresente a mesma capacidade profissional seria uma perda de tempo... Pois os pais iriam achar estranho o homem cuidando de criança causando assim transtornos e tumultos na escola. Se junto ao meu ponto de vista as demais pessoas tomassem posse*

*do mesmo conhecimento que tenho poderia até que ao surgir um docente qualificado eu conseguiria encaixá-lo como profissional”* (Gestora escolar).

Ao destacar a posição da gestora da escola, notamos que ela apresenta conhecimentos acerca do gênero diferentemente da demanda familiar dos alunos.

Demonstra que a falta de conhecimento aflige a maioria da população e isso faz com que a sociedade apresente fontes e fatos nunca existentes a respeito da questão sexual. Nesse viés, o ponto de vista da gestão da escola indaga que o homem aparenta ter chances no ensino infantil, assim a gestora da escola diz:

*“Achamos que é a falta de oportunidade de tê-lo em sala seria um conceito pela sua falta como docente. Hoje é muito difícil encontrarmos homens pedagogos, principalmente aqui no nosso município, entretanto volto a dizer que o mesmo apresenta a mesma capacidade profissional igualmente a mulher e que por fim seria muitíssimo bem-vindo aqui na escola”* (Gestora escolar).

Tal questão nos faz ter a certeza de que ainda que os docentes masculinos apresentam uma importância através das nossas capacidades, capacidade que nos trás uma esperança animadora dando forças para encarar todas as barreiras que enfrentaremos todos os dias de profissão.

Apresentando o ponto de vista de uma professora da escola, foi possível observar a sua opinião acerca da atuação docente masculina:

*“A partir do momento que o homem também apresenta uma capacitação desenvolvida por um longo período de estudo, com certeza ele também possuirá a mesma desenvoltura que tenho e que as demais docentes mulheres possuem. Sendo assim as mudanças de gênero não poderiam comprometer o grau de capacidade sobre os ambos (masculino e feminino), mas infelizmente a sociedade enxerga em nós como melhor e unicamente encaixe para essa educação”* (professora).

Desse modo, destaca-se que o modo de pensar da professora garante que o docente masculino ao se apresentar como um instrumento qualificado e com boas desenvolturas específicas na área, de fato será bem sucedido mesmo dentro dos seus desafios que enfrentará em seu percurso como docente.

O conceito que os pais tiveram a respeito do homem em sala na Educação Infantil foi o seguinte: A maioria dos pais que entrevistamos destacou que a Educação Infantil se encaixa bem melhor com a mulher professora, pois a mesma apresenta e traz consigo uma delicadeza e por apresentar seu extinto de ser mãe como forma de cuidados ao seu filho. Já outras mães destacaram que nunca se viu um homem na Educação

Infantil, mas se caso seus filhos estudassem com um profissional homem isso não seria o motivo de não aceitação.

Outros pais não esboçaram nem uma reação a respeito do docente masculino em sala sendo assim ficando todos calados. Com isso, podemos diagnosticar que o lado negativo sofrido pelo homem seria a questão das relações entre os pais das crianças, embora que nem todos tiveram o mesmo ponto de vista, mas isso não afeta a nossa capacidade de trabalho e trazem um pensamento preconceituoso com o gênero masculino. Demonstrando mais uma vez que a falta de conhecimento nunca deixará de existir em uma sociedade por mais que ela seja atualizada não garantirá e muito menos amenizará seus pontos de visão que são inadmissíveis pela força do conhecimento.

Ao observar na sala de aula as reações das crianças com a minha presença tive a percepção que as mesmas não apresentaram nem uma reação de rejeição, seus semblantes caracterizaram uma forma de curiosidade com relação a minha presença; podendo ter como resposta que se as crianças não apresentaram reações contrárias isso significa dizer que o homem possui sim a mesma capacidade exercida pela mulher.

Mediante as informações apresentadas, afirmamos que a presença ou a ausência do homem na Educação Infantil é permeada por representações que recaem sobre o que é considerado como sendo de homem e de mulher na sociedade e isso tem dificultado que homens assumam funções de professor na educação de crianças.

Podemos concluir, a partir das análises, que o papel do homem e da mulher na sociedade recaem nos atores que atuam na Educação Infantil, como também na formação de meninos e meninas que estão nesse nível de ensino, e isso impede a construção de relações mais simétricas e igualitárias entre homens e mulheres em uma sociedade marcadamente machista e patriarcal.

A presença de homens no magistério na Educação Infantil será uma inovação na área. Nesse viés, Ramos e Xavier (2010), que fizeram uma pesquisa com os professores da pré-escola de Belo Horizonte, revelaram em seus achados que:

[...] a presença desses professores não se configura em uma aceitação incondicional. Ela é incessantemente colocada em xeque. Há, de certa forma, um olhar mais vigilante e atento, especialmente, quando eles ainda não são conhecidos e estão iniciando suas atividades nessas instituições. O período de adaptação desses profissionais - assim como ocorre com a adaptação das crianças - é, também, marcado pelo olhar vigilante do outro e pelas indagações, tantas vezes não explícitas, sobre a capacidade (ou não) de dar conta do recado (2010, p. 8).

Acreditamos que todos esses questionamentos da gestão da instituição, dos pais e de toda a comunidade escolar aos professores de Educação Infantil é reflexo de todo o processo de feminização da educação, em que cerceia a presença da mulher como maioria significativa até os tempos atuais. A chegada de um homem nessa modalidade do ensino tem como consequência estranhamentos e advertências, uma vez que a mulher é comumente vista nesse ambiente, por ser considerada adequada ao cargo por conter sensibilidade e gostar de cuidar de crianças pequenas, qualidades fundamentais na atuação. Esse estranhamento e atenção redobrada é mais uma maneira de colocar em questão o “lugar do homem” e o “lugar de mulher” em nossa sociedade, questões tão discutidas pelo movimento feminista que visa ensinar que homens e mulheres podem atuar nos espaços que desejarem.

Contudo, os objetivos dessa pesquisa estão relacionados à proposta pela busca dos professores homens pedagogos em uma das escolas públicas do município de Coremas- PB, visando aferir os pontos positivos e negativos. Não foi diagnosticado nem um professor homem nessa escola, isso significa dizer que a profissão pedagógica para homens se encontra ausente, não apresentando nem um índice de formados em estabelecimentos de ensino. Isso nos mostra a desvalorização da profissão para homens por pensarem que essa profissão se constitui unicamente para mulheres. O município destaca a falta de profissionais masculinos formados em pedagogia e por haver sido atestado através da pesquisa que não há nenhum índice de homens graduados, consideramos que o município necessita de docentes graduados nessa área, que certamente garantirá uma também forma eficaz de aprendizado, quebrando assim paradigmas de uma visão social de que o ensino infantil seria unicamente para mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações colhidas na pesquisa mostraram a grande questão do docente homem e suas dificuldades enfrentadas pela sociedade. No entanto, a estrutura escolar demonstrou que todo ambiente é constituído apenas com uma demanda feminina, ou seja, a escola não explana a questão do homem na Educação Infantil, dando-nos a informação que o docente masculino está totalmente ausente da Educação Infantil local.

Alcançamos o objetivo desta pesquisa ao realizar uma busca de professores homens pedagogos em escolas públicas do município de Coremas- PB, visando os pontos positivos e negativos. Em função disso, foi abordado no primeiro capítulo o perfil do educador masculino durante a história do Brasil, desde o seu auge na colonização até a perda de espaço para a mulher com a industrialização. No segundo fizemos uma ponte com o primeiro, uma continuidade, mostrando o panorama atual da educação brasileira a respeito da participação dos docentes masculinos para adentrarmos na pesquisa realizada no município de Coremas.

Não foi diagnosticado nem um professor homem em escolas do município, isso significa dizer que a profissão pedagógica para homens se encontra ausente, não apresentando nem um índice de formados na escola. Isso nos mostra a desvalorização da profissão para homens por pensarem que essa profissão se constitui unicamente para mulheres. Podemos perceber através da pesquisa que não encontramos nem um índice de homens graduados, e tal questão nos faz acreditar que o município precisa de docentes graduados nessa área, garantindo assim uma forma eficaz, pois iria fazer uma grande diferença, quebrando assim os costumes de visão social consequente de que o ensino infantil seria unicamente para mulheres.

Os depoimentos dos responsáveis também nos trazem aspectos importantes para a pesquisa, pois, pelos comentários, a maioria dos pais pressupõe que o professor na educação infantil deva ter conhecimentos específicos acerca do desenvolvimento humano que certamente não são construídos no nível de escolaridade do profissional, como fazer a higienização das crianças, o que para alguns, é “complicado” para profissionais do sexo masculino, o que fortalece a crença de que é arriscado confiar aos homens crianças pequenas e indefesas. Trabalhar com a higienização, alimentação, formação de valores e todos os aspectos que constituem uma Educação responsável e compromissada independe do sexo da pessoa. Não devemos negar que a insegurança de pais em relação aos filhos é sempre legítima. No entanto, o que estará em jogo sempre

serão a competência e o conhecimento do profissional. Esses sim são aspectos que devem ultrapassar as questões de gênero e serem conclusivos nos processos de contratação de quaisquer que sejam os profissionais.

## REFERÊNCIAS

ARCE, A. **Jardineira, tia e professorinha**: a realidade dos mitos. Dissertação de Mestrado (Resumo). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a09n113.pdf>>. Acesso em : 29 de Abr de 2018

\_\_\_\_\_. **Documentação oficial e o mito da educadora nata na Educação Infantil . Cadernos de Pesquisa**, n. 113. São Paulo: jul., 2001. Disponível em: <[file:///C:/Users/Leandro/Downloads/6479-23665-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Leandro/Downloads/6479-23665-1-PB%20(1).pdf)> Acesso em: 26 Abr de 2018.

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo. UNESP. 1998.p.70. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2974/824>> Acesso em: 22 de Abril de 2018.

ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. de 26 de dezembro de 2017. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)> Acesso em: 28 de Abril de 2018.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: <<https://www.santander.com.br/document/gsb/anexo2.pdf>> Acesso em: 28 de Abril de 2018.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil** . de 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508200/CF88\\_EC85.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508200/CF88_EC85.pdf)> Acesso em: 05 de maio de 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

COSTA, C. E. C. da. **Tem homem na escola!!!** Um olhar sobre o corpo/identidade masculino na educação/saúde da infância. 2007. Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz.

CAVALLEIRO, E. S. (Org.). **Racismo e antirracismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2007. Disponível em: <[file:///C:/Users/Leandro/Downloads/9557-26228-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Leandro/Downloads/9557-26228-1-SM%20(1).pdf)> . Acesso em: 27 de Abr de 2018.

FARIA, A. L. G. **Educação pre-escolar e cultura**. Sao Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_infantil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_infantil)> Acesso em: 23 de Abr de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <[www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2018

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, p. 149.

GUIMARÃES, C. M. (Org.). **Perspectivas para a Educação Infantil**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2005.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999

KUHLMANN, M. J. Educando a infância brasileira. In: LOPES, E. M. T.; FILHO, L. M. de F. VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, , 2003. Disponível em: <[http://need.unemat.br/4\\_forum/artigos/luciani.pdf](http://need.unemat.br/4_forum/artigos/luciani.pdf)> Acesso em: 24 de Abr de 2018.

\_\_\_\_\_. O gênero da docência. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p.22,88- 109. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>>. Acesso em: 24 Abr. de 2018.

KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo: Mediação**,1988.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012. Disponível em <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21773\\_10772.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21773_10772.pdf)>. Acesso em: 20 Abri de 2018.

\_\_\_\_\_. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. **A história da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, nº 33, p. 83, - ISSN: 1676-2584, mar. 2009. Disponível em : <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-124.pdf>>. Acesso em: 22 Abr de 2018.

RAMOS, J. XAVIER, M. do C. **A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas**. 2010. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9909980-A-presenca-de-educadores-do-sexo-masculino-naeducacao-e-cuidado-de-criancas-pequenas.html>>. Acesso em: 23 mar. de 2018.

SAPAROLLI, E. C. L. A Educação Infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis. In: **Psicologia da Educação**. São Paulo, 6, 1º semestre 1998, p. 107-125.

SAYÃO, T. D. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creches**. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>> Acesso em: 20 Abr. 2018.

SOUZA, M. I. **Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais**. Ribeirão Preto, 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <[https://www.ffclrp.usp.br/imagens\\_defesas/14\\_12\\_2010\\_\\_14\\_10\\_46\\_\\_61.pdf](https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/14_12_2010__14_10_46__61.pdf)>. Acesso em 28 Abri de 2018

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. da (Org.); 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/Leandro/Downloads/6354-18115-3-PB.pdf>> Acesso em: 20 de Abr. de 2018.

SANTOS, C. J. **Crimes de preconceito e de discriminação: análise jurídico penal da Lei no 7.716/1989 e aspectos correlatos**. São Paulo: M. Limonad, 2001. Disponível em: <[file:///C:/Users/Leandro/Downloads/direitos\\_humanos\\_santos.pdf](file:///C:/Users/Leandro/Downloads/direitos_humanos_santos.pdf)> Acesso em: 30 de Abr. de 2018.

VIEIRA, L. M. F. **A formação profissional da Educação Infantil no Brasil no contexto da legislação, das políticas e da realidade do atendimento**. Pro-Posições, São Paulo, v. 10, nº 1 (28), p. 33, mar. 1999.

## **APÊNDICES**

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Pesquisa de campo

Pesquisa pedagógica realizada em uma das redes escolares públicas do Município de Coremas – PB, Cep: 5877-0000.

Escola : Pública

- 1) Quantidades de docentes homens geral: —
- 2) Quantidades de docentes mulheres geral: 14
- 3) Quantidades de homens graduados em Pedagogia: —
- 4) Quantidades de mulheres graduadas em pedagogia: 10
- 5) Quantas salas de aula são representadas pela educação infantil? 10
- 6) Quantidade de professoras mulheres que atuam na educação infantil? 14
- 7) Quantidade de professores homens que atuam na educação infantil? —
- 8) Como a escola avaliaria o professor homem como docente ?  
 a) Ótima      b)Boa       regular      d) ruim      e) péssima

Justifique:

Como qualquer outro profissional da educação, desde que esteja devidamente preparado

9) Por que a escola unicamente apresenta apenas professoras mulheres para atuarem na educação infantil?

Porque são poucos os profissionais formados na área, e o preconceito contra o educador infantil homem, ainda permeia a educação.

10) Como a gestão escolar vê o homem na educação infantil? ( Fala da Gestora)

Ficaria entre a cruz e a espada se caso pudesse colocar um homem na educação infantil, pois se mesmo que meu ponto de vista, a ponto de vista de ambos os gêneros apresenta a mesma capacidade profissional seria uma perda de tempo... Pois os pais ficam achando estranho o homem cuidando de crianças causando assim transtornos e tumultos na escola. Se junto ao meu ponto de vista as demais pessoas tomassem posse do mesmo conhecimento que tenho poderia até que ao surgir um docente qualificado eu conseguiria encaixá-lo como profissional

11) Como os familiares ( pais ou mães ) dos alunos tem enxergado isso na educação voltada ao professor homem no campo infantil ?

Mãe A

Relatou que a educação infantil se encaixa bem melhor com a mulher professora, pois a mesma se apresenta e traz consigo uma delicadeza por apresentar extinto de mãe.

Mãe B

Disse que nunca tinha visto um homem na educação infantil, mas caso houvesse, isso não seria motivo de não aceitação.

12) O homem apresenta a mesma capacidade de lecionar igualmente a mulher?  
Justifique. (Pergunta feita uma das Professoras)

A partir do momento que o homem também apresenta uma capacidade desenvolvida por um longo período de estudo, com certeza ele também possui a mesma desenvoltura que tenho e que as demais docentes mulheres possuem. Sendo assim as mudanças de gênero não poderiam comprometer a desenvoltura.

13) Quais seriam as reações dos alunos ao ser verificado através de uma pesquisa realizada por um professor homem?

Os alunos não esboçaram reações ao entrevistador.

---

---

---

---

---